

## NOSSOS SOLDADOS NÃO ATIRAM

Este artigo deve ser lido por todo aquele que, por profissão, possa ter o ensejo de transportar uma arma, seja para atacar ou defender

BILL DAVIDSON

Imagine que você é um soldado da infantaria na Coreia... bem instruído e abrigado numa trincheira cavada na crista de um morro, a espera do ataque inimigo. Começa a barragem de artilharia e de morteiros. Você vê o inimigo subindo o morro íngreme, na direção da sua unidade. Eles têm a intenção de matá-lo. Rastejando de pedra em pedra, deslizando-se rapidamente para a frente, atravessam finalmente um espaço aberto e ficam nitidamente visíveis. São objetivos perfeitos. Você faz a pontaria. O seu indicador pressiona a tecla do gatilho. Nesse momento, porém, a transpiração está escorrendo por você abaixo — nada acontece! Ocorre pura e simplesmente o seguinte: — você não pode vencer a resistência do gatilho!

Impossível? Fora do comum? Outrora o Exército pensava assim também. Agora, porém, depois de um demorado e severo olhar para si mesmo, defronta-se com os seguintes fatos:

Em qualquer combate travado na II Guerra Mundial, somente 10 a 20% dos soldados em posição para disparar suas armas contra o inimigo, podiam puxar o gatilho!

Na Coreia, aquela média aumentou à custa de esforço intenso, mas no máximo atingiu 50%, aproximadamente. Em outras palavras, hoje, entre dois soldados que se defrontam com o inimigo, pode-se contar apenas com um em combate.

Para os americanos, é difícil aceitar essa revelação, uma vez que parece ser um reflexo sobre o patriotismo e bravura dos seus próprios filhos e irmãos. Na realidade, a coragem dos nossos infantes não é excedida em qualquer parte do mundo. A sua bravura — aliada ao fato de que os carros de combate e a artilharia nos dão uma potência de fogo que não tem paralelo — têm mais do que compensado, até agora, a falta dos fuzileiros que, na linha de frente, não combatem.

Os estudos oficiais das razões por que os homens, na linha de frente, ficam como que congelados, revelam claramente que a coragem, muitas vezes, não se acha em jôgo. Houve, por exemplo, durante a 1ª Guerra Mundial, um comandante de companhia muito condecorado, que sempre avançava sob o fogo, bem à frente dos seus homens, exortando-os a segui-lo. Não obstante, segundo êle próprio confidenciou a um oficial muito íntimo seu, durante toda a guerra jamais pôde induzir-se a puxar o gatilho. Incidentalmente, êsse oficial é, atualmente, general do Corpo de Fuzileiros Navais.

Prosseguindo no inquérito destinado a descobrir a razão pela qual os soldados não atiram, falei com dezenas de cientistas, historiadores do

Exército, comandantes de forças combatentes e sargentos que, pouco antes, haviam regressado da frente coreana. Quase todos contaram a mesma história. Em Fort Dix, particularmente, reuni-me por várias vezes com um grupo de heróis, todos sargentos, numa sala de aulas. Os participantes faziam parte da nata da infantaria dos Estados Unidos.

"A coisa foi dura!..." disse o sargento-mor Nicholas Smith, de Washington, que recentemente fôra condecorado com a Cruz de Serviços Distintos. "Por vezes, mandava-se uma esquadra cobrir um flanco e, em vez de se ouvir nove fuzis atirando, ouviam-se apenas dois ou três..."

"É isso mesmo..." atalhou o sargento Thomas McGrath, de Hadon Heights, Nova Jersey (condecorado com a "Estrêla de Prata", "Estrêla de Bronze" e "Coração de Púrpura"), que acrescentou: "Dos nove homens da minha esquadra na Coréia, nunca contei mais de quatro ou cinco atirando, mesmo quando se tratava de salvar suas próprias vidas..."

"Em inúmeras ocasiões", disse o sargento-mor John S. Williams, de Flushing, Nova York (2 Estrêlas de Prata, 3 Estrêlas de Bronze e 5 Corações Púrpura) "tive de me expor e rastejar de abrigo em abrigo para conseguir que metade do meu pelotão atirasse. Ocasionalmente houve em que, praticamente, tive de apontar o fuzil e puxar o gatilho para um camarada atirar..."

E assim falando, um sargento após o outro, recordam com algum amargor, o estranho modo de proceder dos seus soldados. O tema é também repetido, com penosa regularidade, nos relatos dos historiadores de combates, que entrevistam os soldados um ou dois dias depois das batalhas.

Um dos casos mais nítidos, ocorrido na Coréia, teve como protagonista um pelotão do 38º RI. O pelotão fraquejou, permitindo uma séria rotura executada pelo inimigo. O pelotão voltou com virtualmente toda a sua munição intacta. Quando o fato foi descoberto, um dos sargentos tentou uma explicação, dizendo: "O morteiro chinês começou a atirar contra nós, mas não podíamos responder com armas de trajetória tensa... Os chineses aproximaram-se até 10 ou 15 pés da nossa posição, mas não respondemos eficientemente ao seu fogo porque haviam instalado uma metralhadora no nosso flanco direito... Não podíamos levantar a cabeça sequer. Só quando os chineses chegaram à linha do horizonte é que mal pudemos ver um objetivo... A nossa metralhadora não atirou por causa dos chineses que se deslocavam contra o nosso flanco direito. Mais tarde, quando batemos em retirada, a metralhadora foi posta numa nova posição, mas não funcionou... O "Bar" (fuzil automático Browning) ficou em meia pane quando nos encontrávamos na posição inicial. Não estava engasgado propriamente, mas apenas lento e não funcionava a contento... O Sargento... que estava perto de mim, continuava em dificuldades quanto ao fuzil. O extrator não funcionava, embora não parecesse estar quebrado. Não me afastei andando... fugi correndo...!".

### UM HOMEM QUE FAZ USO DE SUA ARMA

Estas excusas pateticamente fracas não explicaram um fato essencial: um pelotão inteiro sentiu-se como que congelado, ninguém havia atirado. Não obstante, no mesmo combate, sujeito às mesmas condições, o soldado Edsel Turner, de 21 anos de idade, natural de Kalamazoo, Michigan, havia conseguido fazer uso de seu fuzil e das granadas, mas fê-lo com tanta eficiência, que lhe foi atribuída a morte de nada menos que 29 vermelhos. Sôzinho, sustentou o combate depois que sua companhia

e 6 carros se retiraram. Por sua bravura de causar espanto, foi recomendado como merecedor da Cruz de Serviços Distintos, a segunda entre as mais altas condecorações dos Estados Unidos.

O homem que interrogou o sargento Turner foi o general-de-brigada S. L. A. Marshall, que tem sido descrito pelas altas fontes do Exército como o que "sem dúvida conhece mais destes assuntos do que qualquer outro homem vivo". Recentemente, êle passou cinco meses nas linhas de frente da Coréia; analisando as táticas chinesas para transmitir suas observações às forças das Nações Unidas.

O aludido general goza da reputação de ter sido o primeiro a verificar o fenômeno em massa dos combatentes que não atiram. O seu interesse teve como origem a sua experiência na II Guerra Mundial, quando o Exército o enviou ao Pacífico para idealizar um sistema preciso de elaboração de relatórios de combate.

Pouco depois de chegar à ilha Makim, o 3º Btl do 165º RI foi colhido numa emboscada noturna preparada pelos japoneses. A unidade escapou ao desastre somente porque um soldado chamado Morris Schwartz, da cidade de Nova York, tomou conta de uma metralhadora depois que a respectiva guarnição caiu, e ceifou os atacantes nipônicos durante toda a noite.

#### DESCOBRINDO A VERDADEIRA HISTÓRIA

No dia seguinte, o general Marshall tentou descobrir o que havia ocorrido exatamente. Passou a analisar cuidadosamente todos os relatos. Um tenente afirmou que havia ordenado a Schwartz que tomasse conta da metralhadora; Schwartz insistiu em que o referido tenente não se encontrava em parte alguma nas proximidades, e que havia agido por sua conta. Finalmente, para apurar a verdade, o general pôs em linha o batalhão todo e pediu a cada homem que relatasse tudo que viu e fez durante a noite. A história contada por Schwartz não só foi sustentada, mas também o general compreendeu quase imediatamente que havia encontrado o segredo de relatar os combates com precisão. Cada homem recordava-se de alguma coisa — uma peça que era ligada a outra do jogo de paciência. Mas não foi só isso. Marshall adquiriu a chave do que se converteu no método adotado oficialmente pelo Exército de relatar e analisar os combatentes: o homem médio não pode mentir na presença dos camaradas que o contradiriam se estivesse dizendo uma inverdade; e obcecado pela memória dos que morreram recentemente não mentirá.

O general ficou sabendo também — e nessa ocasião ignorava isso que dentre mais de 1.00 homens do batalhão reforçado, apenas 37 haviam disparado suas armas. Ele pensou apenas que o fato era devido à circunstância de que a unidade era ainda demasiado nova. Algumas semanas mais tarde, porém, na ilha Chace, do Arquipélago das Marshalls, procedeu a uma investigação idêntica em torno de um combate travado com grande bravura pelas Tropas de Reconhecimento (tropas de elite) da 7ª DI. Dentre os 100 homens que se empenharam em combate, somente 14 fizeram todo o fogo que resultou na derrota do inimigo. Dêsse momento em diante, começou a suspeitar de que se encontrava na pista de algo importante.

Mais tarde, ficou absolutamente certo disso, por ocasião de uma viagem em serviço através do teatro europeu. Na Normandia, constatou que, no máximo, 25% dos melhores soldados aeroterrestres estavam fazendo uso de suas armas. Por volta do fim da guerra, tinha 350 homens trabalhando sob suas ordens no Teatro Europeu de Operações. Os seus

auxiliares gruparam e interrogaram centenas de unidades recém-saídas de combate e fixaram a percentagem de homens que realmente dispararam suas armas contra o inimigo. Essa percentagem foi da ordem de 12 a 25%.

Depois da II Guerra Mundial, o general S. L. A. Marshall escreveu "Man Against Fire" (Os Homens Contra o Fogo), obra em que dedicou um grande espaço ao problema do soldado que não atira. O referido livro converteu-se num compêndio para meia dúzia de Exércitos europeus, e o nosso Exército incorporou algumas das suas recomendações ao seu programa de instrução. O problema continuou a ser debatido e analisado. E quando irrompeu a guerra coreana, aquê general foi enviado para a frente a fim de estudar em primeira mão as operações. Ali, mais uma vez, verificou ser desconcertante o número de soldados que não atiram. Em seus relatórios, deu-se ao cuidado de relatar incidente após incidente. Num dos mais dramáticos, descreveu o combate no Desfiladeiro Karhyon, uma garganta de 6.700 jardas de extensão, onde os chineses encurralaram e destruíram metade do resto da 2ª DI, em sua retirada, quando se achava no ponto culminante, o avanço pela Coréia do Norte adentro.

A propósito, Marshall escreveu: "No desfiladeiro, os mortos jaziam nas valetas e espalhados através da entrada. A maior parte dos vivos (até os que não estavam feridos), achava-se num tal estado de choque que a nada reagia...

O fogo dos chineses batia como granizo... onde eles estivessem, de pé ou reclinados. Mas nenhum deles vociferava ou procurava proteger-se melhor...

O Comandante da divisão, general Laurence B. Keiser, caminhava entre eles, de grupo em grupo, fazendo perguntas em voz enérgica, tentando fazê-los voltar ao conhecimento das coisas. Uma coisa fez com que o seu coração se sobressaltasse. Um sargento do 9º RI havia retirado um morteiro de 81 mm de uma viatura de 3/4 ton. e o tinha instalado no meio da estrada visada pelas balas chinesas para depois, sozinho, começar a atirar contra as posições inimigas na parte superior da saída sul do desfiladeiro." Foi este o único fogo que o General Kaiser viu ser feito por um americano.

O General Marshall — dirigindo, por vêzes, o seu próprio grupo, debaixo de fogo inimigo — descobriu esta estranha combinação de heróis e de soldados que não atiram, nas unidades do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais, bem como nas unidades integradas por veteranos e por soldados novatos. Mas no seu relatório oficial para o Gabinete de Pesquisas realizadas no curso de Operações (um grupo todo secreto de cientistas do alto escalão que analisam para o Exército os métodos de combate) incluiu algumas coisas que descobriu e que dão ânimo. Escreveu êle: "Na companhia de infantaria comum, na Coréia, 12 a 20% dos homens não só participaram ativamente no fogo, mas exercem graus variáveis de iniciativa... Além do mais, 25 a 35% dos homens... tomam alguma parte na ação de fogo com graus variáveis de perseverança... Acredita-se que isto constitui uma melhora substancial sobre as médias de participação entre as tropas da II Guerra Mundial".

Isso deixa ainda uma média de aproximadamente 50% dos nossos combatentes que não atiram ou participam de qualquer forma de combate. Por que? Pode-se fazer uma série de conjeturas. Mas já ninguém pode dizer que estamos certos do que sabemos. Estamos tentando descobrir. O Gabinete de Pesquisas no Curso das Operações possui equipes dos seus melhores cientistas que se encontram na Coréia para seguirem o traba-

lho de Marshall numa base mais exata, mais matemática. Entrementes, porém, a consideração importante é melhorar a situação e o Exército já fez nesse sentido algum progresso. As sugestões, à base de bom senso, oferecidas por Marshall e outros oficiais (bem como praças) têm auxiliado.

## FRACASSOS ORIUNDOS ATÉ DA JUVENTUDE

Os especialistas em psiquiatria acentuam que o fato de um homem não disparar sua arma em combate pode ser atribuído até às inibições que lhe foram impostas na sua infância. Cada criança nasce com tendências agressivas. Mas os seus impulsos para cometer violências são, dentro de pouco, suprimidos no seio da família. Os seus pais desaprovam, muitas vezes, com ameaças de castigo, se, por exemplo, êle deseja coroar seu irmão com o bastão com que se joga basebol. À medida que o garôto cresce, as inibições são reforçadas pelos tabus culturais (um "gentleman" deve manter sempre a sua calma), sanções religiosas (Não Matarás!), mais o receio de represálias legais.

Durante tôda a sua vida, o espírito do rapaz trabalha inconscientemente para eliminar qualquer desejo de matar. De repente, abruptamente, êle é introduzido num uniforme de soldado e recebe ordem de atirar contra o seu semelhante. Um homem dentre dois perde a luta que em si começa a ser travada para quebrar as inibições que o acompanharam sempre.

Fui à Universidade de Michigan para palestrar com dois notáveis psiquiatras militares; o Dr. Raymond W. Waggoner, chefe do departamento de psiquiatria da Universidade e conselheiro sôbre problemas psiquiátricos do recrutamento do Diretor do Serviço de Recrutamento, e o Dr. M. M. Frohlich, psiquiatra que, durante a II Guerra Mundial, com o pôsto de tenente-coronel, tratou milhares de baixas de fadiga de combate no Hospital Geral 298º. Os dois cientistas citaram inúmeros casos de soldados que sofreram de paralisia no campo de batalha, quando, pela primeira vez, tiveram de fazer fogo.

O Dr. Frohlich sugere que há pelo menos três maneiras (que de preferência devem ser empregadas combinadas) de eliminar temporariamente aquelas inibições, de sorte que os soldados possam atirar. O método mais eficiente é induzi-los a perder sua identidade individual, mediante uma psicologia das multidões. As pessoas integradas numa multidão passam por cima de suas inibições e agem como jamais ousariam agir como indivíduos. O segundo método é fazer com que o homem sinta que, devido ao fato de estar vestindo um uniforme e fazer parte integrante de um grupo de homens do qual gosta e respeita, é correto, de alguma forma juntar-se a êles e pôr de lado as suas inibições contra o ato de matar. O terceiro método é proporcionar ao homem um chefe idêntico a um pai, que êle possa pensar ser supremamente forte, prudente e justo, de modo que aceite as suas ordens no sentido de pôr de lado temporariamente os tabus contra a capacidade de matar o seu semelhante.

Baseados em sua experiência, o General Marshall e outros peritos do Exército formularam essas hipóteses há anos. Marshall começou uma campanha demorada e cheia de ênfases para que o Exército procure os seus "chefes naturais", em oposição aos chefes selecionados de acôrdo com os padrões aceitos do mundo civil. Insistiu no sentido de que a "causa e o orgulho nacionais não são fatores importantes; o orgulho de sua companhia é o principal fator em conseguir que o homem parti-

cipe do combate". Descobriu também que um homem sente-se terrivelmente só no seu abrigo individual.

O homem isolado, diz Marshall, adquirirá a sensação de haver sido abandonado por seus camaradas e raciocinará no sentido de que, se não atirar e não expuser a sua posição, o inimigo não atirará. Recomendou o princípio revolucionário de que os sargentos e oficiais subalternos não devem disparar suas próprias armas, mas, em vez disso, rastejar de abrigo em abrigo para manter viva a psicologia do grupo ou multidão.

O coronel John G. Hill, assistente do chefe da Divisão de Organização e Instrução do Exército, disse-me que foram expedidas ordens para que, sempre que possível, pelo menos dois homens ocupem um abrigo individual ou posto avançado, em vez de um apenas, para combater a chamada "solidão do campo de batalha". Outrossim, o Exército está experimentando agora a dotação de dois fuzis automáticos Browning (Bar) em cada esquadra ao invés de um, a fim de dobrar o número de pontos de reunião para os homens, pois o fogo de fuzis se concentra em torno das armas automáticas.

A inovação mais dramática tem sido o gritar — o gritar em combate tem acompanhado muitos dos nossos mais heróicos combates na Coréia. Esta idéia nova é uma aplicação direta da técnica de psicologia da multidão. Marshall havia observado na II Guerra Mundial que as nossas tropas não cantavam nem gritavam como haviam feito na I Guerra. Estavam tão imbuídas da necessidade de manter silêncio completo, que continuamente se preocupavam com coisas à toa como tilintar das suas chapas de identidade. "Deixe-os berrar..." sugeriu Marshall, que frisou: "Na maioria dos casos, o inimigo sabe de qualquer forma onde estão, de sorte que o ruído não importa. O alarido é vitalmente importante para lembrá-lo de que faz parte de um grupo e não é um pobre diabo sozinho, e também para provocar as reações em cadeia que converterão cordeiros em leões no campo de batalha".

Esta teoria também tem sido posta em prática na Coréia. Hoje, possuímos um Exército que fala e vocifera. A relação entre o número de homens que dá brados no momento do combate e o dos que disparam suas armas tornou-se evidente dentro de pouco. Tem havido numerosos relatos de casos em que homens carregaram contra o inimigo bradando incongruências como gritos escolares — ou palavras em chinês.

Existem ainda outro campo em que o General Marshall está "agindo como explorador numa zona onde não há sequer uma trilha". Marshall descobriu que o medo pode causar tal fadiga que um soldado fica demasiado cansado para combater ou disparar seu fuzil. Descobriu também que a fadiga ocasionada pelo medo é mensurável em relação à carga que pode transportar.

### OS SOLDADOS TRANSPORTAM PÊSO DEMASIADO

No Rio Han, na Coréia, por exemplo, a Companhia L do famoso Regimento "Wolfhound" lançou-se ao ataque sob o comando de um novo capitão, que ordenou vestissem as "parkas" para se protegerem do frio. A ordem acarretou um acréscimo de oito libras sobre as 45 que normalmente o soldado conduz.

Era meio-dia. A companhia estava descansada, afiada para combate, em ótimas condições físicas, mas avançou somente 1.600 jardas morro acima, caindo exausta. O relatório do oficial registra o fato dizendo

que os homens "estavam adormecendo até no momento em que o fogo inimigo caiu sobre eles...".

Hoje, o Gabinete de Pesquisas de Operações está medindo a fadiga causada pelo medo em termos de efeitos metabólicos no sangue, na urina, etc. Entretanto, porém, o general Marshall estimou que, por causa da fadiga provocada pelo medo, não se pode esperar razoavelmente que um soldado entre em combate e atire, a menos que o peso total sobre os seus ombros não exceda de 40 libras (a carga costumava ser de 60 libras ou mais).

Uma unidade de inspeção do Exército sob o comando do Coronel Henry Kelly confirmou esta cifra e projetou novos uniformes, cantis e equipamentos para condução da munição e artigos de primeiro socorro, a fim de fazer baixar de 40 lbs. o peso total que o soldado deve conduzir em combate. O general Marshall estabeleceu um total de 48 libras por soldado durante a instrução, o que significa que calcula o fator fadiga (causada pelo medo) como equivalente a oito libras a mais.

Seja como fôr, estamos progredindo no que concerne à solução do problema pelo qual os soldados não atiram. Mas ainda restam algumas questões. É significativo o fato de que na nossa era temos de submergir a dignidade do indivíduo. Temos nós de empregar técnicas que vão contra tudo na nossa sociedade, na nossa religião, no nosso sistema de moralidade de 4.000 anos? O general Marshall expressou-se da seguinte forma:

"Na Rússia, onde a vida é barata e a morte violenta e freqüente, os soldados vermelhos têm sido criados com muito menos inibições contra a prática de matar". Isto é confirmado pelo general britânico Giffard Martel (o único oficial aliado de alta patente a quem foi permitido observar de perto o Exército Vermelho durante a II Guerra Mundial) que escreveu: "A sua arma secreta é a disposição que têm as suas tropas de morrerem em participação ativa no campo de batalha".

Isso excede qualquer coisa que já pudemos ver em outras tropas nos tempos modernos!

"Agora, eu não acredito que assim eles consigam que 100% dos seus homens atirem. Não acredito que tal perfeição seja possível em Qualquer Exército. De fato, sinto que se conseguimos que 75% dos nossos homens atirem, isso constituirá o melhor que podemos esperar. Mas, como uma batalha toda é uma combinação de pequenos combates, não podemos — a bem da nossa sobrevivência — permitir que o inimigo comece com **qualquer** vantagem no número de armas portáteis atirando. Chegamos até onde podemos chegar no tocante ao aperfeiçoamento das armas. A nossa única chance de ir para diante é moldar-se de novo o material humano".

Ciente de que a natureza desta "remodelagem" — à base de técnicas de psicologia das multidões — leva consigo conclusões perturbadoras, perguntei a mim mesmo se poderia haver alguma justificativa do ponto de vista espiritual. Falei a êsse respeito com vários clérigos. Todos se mostraram de acôrdo. Um chegou a dizer: "Numa luta de vida ou de morte, é necessário, por vêzes, levantar a cortina da moralidade e da civilização das almas dos homens para expor o bruto que se encontra por baixo. Mas, uma vez passada a crise, se a cortina fôr velha, solidamente projetada e substancialmente construída, voltará a cair no seu lugar — a fim de cobrir o bruto para sempre..."